

A COMUNA

ANO V — SÉRIE II

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, \$30 — AFRICA, \$40 — ESTRANGEIRO, \$65

N.º 98 (188) — 25-I-925

Redactor principal:
Clément V. dos Santos
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

Pagode e miséria...

Activam-se todos os preparativos para a grande festança.

Alugam-se todos os galhardetes verde-rubros que para aí possam existir, afim de, no próximo sábado, a cidade, embandeirada em arco, encobrir as mazelas de miséria moral e económica...

Sua magestade, o sr. presidente da República, vem mais uma vez visitar o Porto. Para auscultar toda a dor que retalha o peito dos desgraçados que não têm pão nem trabalho? Sua ex.ª está também acima das massas, tam preocupado com os altos interesses, das paparcas oficiais — que não pode deter-se, sequer um minuto, na observação de toda essa miserável calamidade que por aí vai. Representando a nação capitalista, oligárquica, estatal, militarista — está-lhe vedado o cuidado de prescrever todos os desgraçados efeitos causados pela guerra, pela malvadez, pelos tirânicos fins reservados de expoliação maior, friamente postos em prática pelo mercantilismo financeiro e industrial — pois a guerra, a malvadez, os fins reservados dos traficantes é que provocam a fictícia crise de trabalho...

O mais categorizado magistrado do país vem, a convite da nossa «distinta», «escrupulosa» e «democrática» edilidade, assistir ao bródio — nesta hora fatídica em que tantas amarguras, a roçagem pelas trevas da morte, inundam os espavoridos lares de tantas famílias ao abandono...

Procura-se, com a lanterna de Diógenes na mão e com o frezoi boémico na alma, um palácio para o chefe do Estado — alugado ou comprado. A semelhança do que se fez há anos para o célebre jantar oferecido aqui no Porto ao

João Franco, procura-se, certamente também, um grande fogão sobresselente para o cozinhado dos banquetes lautos, consumido entre o bombardear das garrafas de champagne...

Bôcas insaciáveis de jantarelas tremendas, de iguarias caríssimas, já adexiram as suas poderosas mandíbulas para, na devoração comemorativa do próximo sábado, darem combate sem tréguas à multidão do acepipes — enquanto na errante deambulação das ruas ou no fundo misterioso dum casinhoto sem condições algumas de higiene e conforto — antros que as próprias feras regeitariam — lutam, angustiosamente, crianças, mulheres, homens da classe operária com a falta de agasalho, com a falta de alimento, com a falta de trabalho onde possam grangear os meios de subsistência necessários à vida física e moral...

Os cofres municipais, devoradores de tantos tributos arrancados à miséria dos munícipes, vão sofrer uma nova sangria destinada a alimentar, opiparamente, a orgia, o festim colossal dos Baltazares do capitalismo republicano...

E todavia, tantos melhoramentos carece a cidade, cuja efectivação atenuaria a desocupação de centenas de braços...

E lembrarmo-nos de que toda a infernal pagodeira que se vai jogralar dentro de alguns dias, é a pretexto do aniversário da morte daqueles vencidos que, em 31 de janeiro de 1891, se revoltaram para libertar o país, para emancipar um povo — crentes num ideal político que supunham ser o suficiente para nos fazer entrar na perfectibilidade política, económica e social, esquecendo-se de que, não se tocando na estrutura capitalista e estatal, essa liberdade,

essa salvação, essa perfectibilidade jamais se poderão atingir!...

! Triste ironia dos factos!

Esta exteriorização de bacanal burguesa e oficial, que demonstra, evidentemente, o estado desaustrinado em que se encontram as classes dirigentes; que patenteia, dum modo insofismável, o grosseiro escárnio, quiçá provocação, a que é deitado o operariado em *chômage* — merecia uma manifestação condigna de revolta por parte da avalanche trabalhadora que está na situação de folga forçada...

Ao encontro do cortejo dos senhores da corte republicana em festa, devia surgir o cortejo ruidoso dos sem trabalho, hasteando as suas bandeiras negras do desespero.

Não basta a manifestação do desprezo verificada pela não concorrência do povo à palhada oficial dos falsos comemoratórios da revolta do 31 de Janeiro. Era indispensável que uma fenomenal exibição de «farrapos» saídos desses numerosos bairros operários, fosse desmanchar a orgia, o luxo, o espanto da procissão organizada pela Câmara. Os gritos de protesto, de revolta, da população ludibriada e escarnecida, deviam esforçar-se por reduzir ao silêncio os «berros», velados pelos vapores dos vinhos finos, dos brindes oriados de hipocrisia banquetária...

Seria a mais retumbante comemoração popular do 31 de Janeiro, cuja eclosão dizem ter-se dado contra os ladrões e os tiranos que roubavam e oprimiam o povo português...

Porque não é admissível que diante de tanta miséria, de tanta fome, de tantas centenas de operários e operárias desempregados se faça um tam insolente pagode, esbanjando-se, aos montões, o dinheiro do povo, — o sacrifício, o suor daquelas turbas produtoras que caminham para a morte...

Pró-Novo Material de «A COMUNA»

O grupo editor de «A Comuna», acaba de fazer a encomenda de 335 quilos de tipo novo para a confecção do jornal.

Como dissemos no anterior número, continuamos com falta de recursos para satisfazer os encargos que essa encomenda ocasiona.

Apenas se satisfaz uma parte da importância, como sinal. A restante quantia será paga à chegada do material.

¿Poderá o grupo satisfazer este encargo? Creemos que sim, desde que todos os camaradas contribuam com a sua cota parte.

C GRUPO EDITOR.

Comité português pró-salvação de Sacco e Vanzetti

Em virtude dos trabalhos realizados pelo Comité Regional da Federação Anarquista da Região Central, constituiu-se em Lisboa um comité sob a denominação de *Comité Português Pró salvação de Sacco e Vanzetti*, com a missão de organizar e levar a efeito uma campanha de agitação em prol destas duas vítimas da reacção.

Este Comité lembra a conveniência de se constituírem, no maior número possível de localidades do país, especialmente nos grandes centros de população, sub-comités, a fim de, entrando em ligação permanente com o Comité central, procurarem efectivar, nos seus respectivos raios de acção, a agitação necessária para, juntamente com o restante protesto internacional, se conseguir a salvação daqueles dois camaradas, denodados militantes anarquistas do movimento operário e revolucionário da América, falsamente acusados de crime comum que não cometeram, como foi provado no decorrer

do processo, o que não impediu, no entanto, que fôsem condenados à morte, por isso convir à plutocracia americana, a qual, removendo todos os entraves à sua infâmia, chegou ao ponto de subornar a consciência do juiz e dos jurados.

Quando da condenação à morte, um vibrante protesto internacional conseguiu suspender a aplicação de tão iníqua pena, reclamando-se então a revisão do processo, o que, uma vez conseguido, daria azo a provar-se a inocência dos acusados e, portanto, a infâmia dos manejos da reacção.

Até hoje, porém, apesar de cinco requerimentos feitos nesse sentido pelo Comité de Boston, que fôram indeferidos pelo juiz, ainda não foi feita a revisão do processo, preparando-se agora o carrasco para a consumação do acto final da infâmia, para fazer sentar Sacco e Vanzetti na abominável cadeia electrica.

E' necessário, pois, que um veemente protesto de repulsa contra tam infame crime se faça ouvir em todo o mundo; e o proletariado português não pôde ficar calado neste momento.

Salvemos Sacco e Vanzetti! — eis o grito de guerra.

Tôda a correspondência e auxílios para este Comité devem ser enviados a Virgílio de Sousa (S. V.), travessa da Agua da Flor, 16 1.º — Lisboa.

Em auxílio de

A COMUNA

Como noticiamos no nosso último número, é no próximo domingo, 1 de fevereiro, que se realiza, no Salão da Construção Civil de Lisboa, uma grandiosa festa em auxílio de *A Comuna* e da obra de propaganda *A EDITORIAL da União Anarquista Portuguesa*.

Segundo informações que recebemos, há uma certa ansiedade por esta festa, prova evidente de que os seus resultados, quer morais e instrutivos, quer monetários, não desmentirão as nossas previsões.

E' como segue o programa da festa:

1.ª PARTE — Conferência por Cristiano de Carvalho.

2.ª PARTE — Espectáculo pela Escola-Teatro «Araújo Pereira», que porá em scena uma das melhores peças do seu repertório.

3.ª PARTE — Variedades, por distintos amadores.

Abrilhanará esta festa uma distinta trupe musical da capital.

Do meu postigo...

ALPOINADAS...

Os socios-democráticos andam atarefados com as próximas eleições.

Procuram todos os geitos, já que não podem ir pela força, para se enquistarem nos cómodos *fauteuils* do casarão de São Bento.

Seguindo, pois, a velha tática do ilusionismo político, da prestidigitação partidária, da engenhosa captação das massas ingénuas, o companheiro dr. Amâncio de Alpoim — que já conta no papo a sua delegação parlamentar — perguntou muito manhosamente, no célebre comício promovido pelo pessoal dos fósforos e dos tabacos, se haverá no sindicato solução para a crise de trabalho e para o problema da vida cara...

Pelo dedo se conhece o gigante. E assim, aquele que vir dois palmos adiante do nariz, compreenderá logo que o que o doutor quiz dizer é que é necessário que as classes trabalhadoras vão tôdas, em ocasião oportuna, muito arrebatadamente e direitinhas à caixa de pinho ou de folheta lançar uns papelinhos litografados que elejam deputados os srs. socialistas, propostos ao grande pagode parlamentar...

No sindicato não se encontra solução possível para a crise de trabalho e a vida cara... Mas no parlamento, a admitirmos a alpoínacea opinião, sim — tanto mais que, segundo o eleicoeiro bestunto do referido patriarca socialista, o proletariado precisa duma defesa no parlamento.

Foi precisamente por isso que o sr. Amâncio, cumprindo o seu proveitoso recado de pedir votos, afirmou que o sindicato não é suficiente: a seu lado deve caminhar a acção política de eleicoeirismas fórmulas...

E nós ficamos a matutar... Existem em França, na Bélgica, na Inglaterra, na Alemanha, etc., centenas de deputados «socialistas» muito refastelados nas suas poltronas, todos senhores da sua prosápia de páis da pátria.

Na Dinamarca, se não estamos em erro, tem havido maiorias parlamentares socialistas e, portanto, governos socialistas. E todavia, a solução da crise de trabalho e da vida cara não foi encontrada, quer no parlamento, quer nos altos poderes do Estado monárquico e capitalista, de onde os «so-

cialistas» teem presidido à exploração burguesa...

Na Gran-Bretanha, o partido trabalhista, composto de marxistas muito venerados por um marechal socialista que escreve no jornal reaccionário da rua Elias Garcia, chegou a, legalmente, conquistar as rédeas do mando Albion e a ter a maioria parlamentar da legislação inglesa. Mas enquanto os ministros socialistas do partido laborista, que desempenham a acção política das associações trade-unionistas, cavaqueavam na corte do rei Jorge em traje de gala, isto é: com meias de seda, calções, labita bordada, chapatos de fivelas, espada e chapéus de três bicos, — milhares de operários arrastavam-se pelas ruas, sem terem onde ocupar a actividade dos seus braços: a solução da crise de trabalho e da vida cara não a encontraram os laboristas, os socialistas ingleses...

Na Alemanha é onde o partido socialista tem milhões de votos. Tem muitíssimos deputados no parlamento e tem ocupado as cadeiras do poder. Contudo, a crise de trabalho, a vida cara, a miséria, a opressão capitalista, muitas vezes auxiliada pelos marxistas e las-salistas, constituem um assombro...

Quantas lutas não se teem desferido em França contra a vida cara, quantos protestos não tem havido por motivos de crise de trabalho e de exploração capitalista? Que estão a fazer essas dezenas de papagaios, de socialistas parlamentares, que não acham soluções nem defendem outra coisa que não seja a sua politiquice de campanário? Qual tem sido a sua acção contra as perseguições selváticas exercidas ultimamente contra os comunistas, anarquistas e outros revolucionários?

Quanto à nossa vizinha Espanha, a acção política dos socialistas da União Geral dos Trabalhadores encontrámo-la, muito significativa, nestas considerações de Vicente Garcia:

«Eu não sou um inimigo do *Heraldo de Madrid*, visto que considero que é o jornal que melhor attitude tem mantido desde setembro de 1923. Porém, este diário foi boicotado pela União Geral, boicote que oficialmente não foi levantado. No entanto, o genuíno representante dessa organização, Largo Caballero, é agora colaborador (por sua conta e risco) do *Heraldo de Madrid*, ao mesmo tempo que é secretário da União Geral».

Isto além das visitas minis-

teriais e riveristas fraternalmente feitas aos donos da tal União...

Referentemente a nós, já vimos a calorosa defesa que um deputado socialista fez a quando da greve geral de Lisboa e dos rurais, aí por 1912: defesa de *pato mudo* quase...

Creio que estes exemplos de fora e de dentro são o bastante para que nos animemos a concorrer às próprias eleições e guindarmos os candidatos socialistas para cima da nossa *albarda* parlamentar... se não quisermos acreditar que a solução da crise de trabalho e da vida cara, não está no retórico palavreado da ficção parlamentarista, mas na transformação radical desta sociedade autoritária e burguesa, feita de baixo para cima e não de cima para baixo, e pela acção directa das massas e não dos falsos salvadores repoltroneados nos fofos assentos do poder governamental ou do teatro de São Bento.

GERMINAL BRANDÃO.

CALENDÁRIO SUBVERSIVO

JANEIRO

19-1889 — «Acusado» de anarquismo, Pedro Krapotkine é condenado, em França, a cinco anos de prisão, doze mil francos de multa e dez anos de sujeição à vigilância policial.

20-1795 — Fundam-se, em França, as primeiras escolas para o ensino de surdos-mudos.

21-1909 — Em Constantinopla é descoberta uma conspiração que tinha por fim prender o grão-visir e o presidente da câmara dos deputados, e obrigar o sultão a dissolver o parlamento e a anular a constituição...

22-1908 — Em Bricey (França) Blanchard é condenado a um mês de prisão por fazer propaganda antimilitarista.

23-1869 — Sai, em Genebra, o primeiro número de *A Igualdade*, semanário anarquista.

24-1912 — Em Evora dá-se um grave conflito entre numerosos trabalhadores rurais em greve e a guarda republicana.

25-1812 — O conselho de guerra do Jerez de la Frontera, condena à morte os anarquistas espanhóis Lamela, Zarzuela, Bueique e Lebrija.

Sobre Congressos Operários

Um minuto de cavaqueira

Os moscovitários, vendo frustradas todas as suas tentativas no sentido de fazerem ingressar no quartel general do Kremlin a organização operária portuguesa, procuram agora entoar uma nova ária embaladora, para que Morfeu das habilidades ditatoriais nos transporte aos domínios de um sono cheio de pezadelos...

Até aqui, os afeiçoados do comunismo governamental russo eram partidários *enragés* da adesão franca da central portuguesa à Internacional Vermelha de sindicatos políticos...

Porém, a dança das «necessidades revolucionárias» buzinando-nos a imperiosidade de irmos todos, de escantilhão, parar aos degraus da suntuosa escadaria do maravilhoso palácio sindical russo — dança a que os comunistas de todos os núcleos deram um formidável *entrain* — vai-se tornando, um tanto ou quanto, em contradança mirabolante...

Hoje, nos arraiais moscovitários da nossa russófila política, as opiniões divergem quanto às internacionais: uma nova corrente se vai desenvolvendo sobre a velha, tendente a demonstrar-nos a assombrosa utilidade de, uma vez teimoso o sindicalismo português em não querer ir estatelar-se na I. S. V., pelo menos ele retirar-se de Berlim — para satisfação dos bolchevísticos aspirantes a ditadores...

Com este novo canto de se-reia se pretende encantar o proletariado português, criando-se um ambiente de molde a que no próximo congresso confederal se consiga a deserção da C. G. T. da Associação Internacional dos Trabalhadores... Já que ainda não foi possível fazê-la *aprisionar* em Moscú, pelo menos trabalhemos para que ela corte as suas relações com Berlim, fechando-lhe, malcriadamente, as suas portas na cara...

Eis a vontade predominante que agora se enraizou numa certa ordem de gente moscovitária...

Esta interessantíssima manobra bolhevista certamente cairá no ridículo. As classes trabalhadoras portuguesas que deitaram, quer no Congresso da Covilhã, quer a seguir no *referendum*, pela Associação

Internacional dos Trabalhadores, confirmando as suas características revolucionárias, libertárias e federalistas, não quererão dar uma triste ideia de criancice... sindicalista, demonstrando, ao mundo operário internacional que não sabe o que quer, o que faz, o que sente. Só é admissível um tal gesto de abandono, quando se verificar que a A. I. T. traíu a a sua missão, fugiu da directriz que lhe estava demarcada.

Então, verificou-se a inteireza de carácter sindicalista revolucionária, a seriedade das afirmações e a convicção dos princípios.

Depois, os moscovitários, se conseguissem emocionar as massas trabalhadoras com

essa nova habilidade e conseguissem levar o próximo Congresso a uma tão infeliz reviravolta, não desistiriam de estudar uma outra artimanha «sentimental» tendente a reboçar a organização operária para onde a pretendem conduzir...

Esta é a nova tática que um grupo moscovitário ardilosamente concebeu, a vê se consegue levar os incautos à bebida e fazer o congresso confederal dar um trambulhão, uma desastrada cambalhota...

Não são as boas intenções de harmonia que os *iluminam* num tal engraçado pensamento: uma curiosa habilidade para a consecução arteira dos seus fins políticos-moscovitas é que o move nos cordelinhos de «engana meninos»...

Felizmente, porém, a organização operária portuguesa não se deixará comer por tam capciosa leria, por tam perigoso *truc*, a juntar a tantos outros proficientemente cozinhados nos sofisticados fogões de Moscú, mas que chegam cá muito ressecados...

Os anarquistas e a Revolução

Manoel Joaquim de Sousa realizou, em nove do corrente, no Sindicato Único Metalúrgico da capital, a sua anunciada conferência, sob o tema que nos serve de epigrafe.

Desta vez não interveiu a autoridade, como sucedeu em seis deste mês, proibindo abusivamente, apesar das promessas de liberalismo do governo esquerdista, uma sessão de propagação meramente doutrinária.

Com esta conferência terminou Manoel Joaquim de Sousa a série que realizou, a convite da Federação Anarquista da Região Central, de cujo comité faz parte, sobre o ideal anarquista.

Como na sessão anterior, pediu ele, antes de entrar no assunto da sua palestra, que não o interrompessem, enquanto estivesse no uso da palavra, acrescentando que quem tivesse qualquer observação a fazer-lhe, a apresentasse quando acabasse de falar.

Tem assistido, ultimamente, a uma série de discussões acerca do espírito revolucionário dos anarquistas e da sua acção revolucionária, havendo quem os tenha apodado de contrarrevolucionários e inimigos da revolução imediata. Essas acusa-

ções teem partido duns, por política, e de outros, por ignorância.

E' falsa tal acusação, porque os anarquistas são sinceramente revolucionários, tanto no campo político, ou melhor: social, como no campo económico e científico.

A Anarquia caminha na vanguarda do progresso, acompanhando sempre todo o progresso político, social, artístico e científico.

E' um ideal de máxima perfeição; porisso os seus conceitos não podem estar dentro dum programa, como as estreitas fórmulas dos partidos políticos. Não tem barreiras; o seu programa é a felicidade dentro da máxima igualdade e liberdade. Logo, todas as conquistas humanas no domínio do pensamento estão dentro do campo anarquista.

A anarquia só se poderá, pois, realizar, quando ela for sentida por todos. E' uma finalidade ideal e não uma finalidade política, consubstanciada num programa.

Passando a ocupar-se da orientação dos anarquistas na Revolução Social, o orador disse que não podia estabelecer o seu conceito de revolução social, sem primeiro definir o que os anarquistas entendem por

violência. Como eles não são partidários em absoluto da violência, acusam-nos de contrarrevolucionários.

Mas se os anarquistas não são partidários da violência, aconselham, todavia, a resistência activa à prática da violência. Para serem partidários da violência, teriam de defender um Estado como o actual; deviam ser partidários do princípio da autoridade. Hoje, sobre os explorados, pesa directamente, a violência da força armada, e indirectamente, a do salariado.

Os anarquistas são contra esta violência defendida pelos partidos que querem governar e impôr o seu modo de vêr. Mas a violência, no sentido de defesa, é patrocinada pelos anarquistas. Para se saírem do jugo dos opressores, é indispensável o emprego da violência.

Portanto, ao condenar a violência, quando ela é exercida em defesa de qualquer privilégio, para a preconizarem na defesa da revolução do povo contra aqueles que a queiram esmagar, os anarquistas não podem ser apodados de contrarrevolucionários.

Atentando-se no progresso feito, nas ideias e na mentalidade das classes trabalhadoras, de há 50 anos a esta parte; e considerando-se ainda a acção que neste progresso tem tido a influência da propaganda anarquista, somos forçados a concluir que os anarquistas são sinceramente revolucionários.

Se recorrermos a exemplos, veremos que foram os anarquistas os que, muito antes da gorada revolta do 31 de Janeiro, fomentaram as greves em Portugal.

Dito isto, Manoel Joaquim de Sousa principiou, então, a definir, o que os anarquistas entendem por Revolução Social. Para eles, esta Revolução é a expropriação pura e simples do capitalismo, efectuada pela classe trabalhadora e por intermédio dos seus sindicatos. Há, contudo, outros revolucionários que são de opinião de que aquela referida expropriação deve ser, sim, levada a cabo pela classe operária, mas sob os auspícios da casta política que conquistar o poder no momento da revolução, que é quem deve determinar, segundo os ditos «revolucionários», o desapossamento da burguesia.

Se as massas trabalhadoras chegarem a expropriar a burguesia, consoante o último caso apontado, destruindo-lhe os princípios jurídicos da sua sociedade, essa revolução será, sem dúvida, social, mas com um carácter idêntico ao da re-

volução francesa de 79 — a qual, embora destruisse de facto o direito da propriedade feudal então existente, destruindo a casta aristocrática, deixou, contudo, estabelecer um novo poder político e uma nova classe privilegiada.

Se amanhã, orientada pelos marxistas, se fizer uma revolução que destrua a propriedade individual para ser substituída, sob a fécula de um partido governamental, pela colectivização ou nacionalização da riqueza, tal revolução será social, mas não será totalmente emancipadora. Aqui é que existe a diferença entre as duas concepções da revolução social: a marxista e a anarquista.

(Conclui no próximo n.º)

ÁGUA... FORTE

Sinfonia

A Liga italiana dos Direitos do Homem e do Cidadão, acaba de publicar um manifesto dirigido aos Franceses, mas que, na realidade, pode ser dirigido ao mundo inteiro, pelas verdades amargas que contém. Dêsse manifesto vamos extrair alguns parágrafos, na impossibilidade de o reproduzirmos em extenso:

«Há dois anos, um bando de aventureiros armados, cujo chefe tinha traído todas as suas ideias socialistas, apoderou-se do poder.

«Ao princípio, a opinião pública francesa emocionou-se profundamente. Depois, mal informada, supôs que o povo italiano, não tendo reagido contra os usurpadores do poder, é porque reconhecia que ele precisava de ordem e de disciplina. E depois do assassinato de Matteoti, o povo francês chegou a esta desoladora conclusão: — que um país que tolera um governo sanguinário, um governo de rapina e de reacção, não tem o direito de apelar para a simpatia das nações livres, considerando o povo italiano como dividido entre uma pequena minoria de violentos e uma grande maioria de covardes.

«É verdade que o fascismo é um crime; mas também é verdade que a Itália é uma vítima.

«Sob o Império — a França, para o mundo civilizado, não era Napoleão III, imperador, mas Vitor Hugo, proscrito: sob o repugnante domínio militar — a Espanha não se chama Primo de Rivera dita-

dor e debochado; mas Miguel de Unamuno, deportado; e sob o regime fascista, a Itália não se chama Benito Mussolini, assassino, mas Giacomo Matteoti, assassinado...»

Até que enfim!...

O partido socialista espanhol, que tem suportado, com uma resignação verdadeiramente cristã, a ditadura infamíssima de Primo de Rivera, acaba de enviar para Paris o seguinte documento que, apesar de dúvida em demasia, não resistimos à tentação de publicar... para efeitos futuros:

O conselho nacional do partido socialista operário espanhol, depois de ter examinado a situação geral e política, e depois de ter considerado como um raio essencial da hora presente a manutenção dum regime de excepção que tinha sido dado como provisório e que se recusa a reconhecer;

Resolve por unanimidade renovar publicamente a expressão do seu ardente desejo de ver surgir, enfim, forças políticas novas, profundamente e realmente liberais na verdadeira acepção do termo,

E declara que hoje, como em 1917, e com o mesmo espírito, a classe operária deseja vivamente um regime que liberte a Espanha do jugo secular, fundado no respeito dos seus direitos constitucionais...

E mais não diz o documento. Provavelmente os chefes socialistas espanhóis querem que os outros tirem, do lume, as castanhas para eles comerem... São de força, estes orientadores políticos da massa operária.

Paraíso fascista

Apesar dos mussolinis portugueses cantarem loas e lérias ao regime do seu «homónimo» italiano, a realidade diz-nos que, nos nove primeiros meses do ano que findou, emigraram para França perto de 180 mil súbditos de Vitor Emanuel II, por não poderem aturar semelhante paraíso, nem viver sob a pata férrea da ditadura dos camisas negras!...

Crifério... bisbórria

Num artigo — a supressão de deus, de que é autor o sr. Mayer Garçon, lê-se isto que é de pasmar: «sem a ideia de Deus, sem o nome de Deus, não há história, não há literatura, não há filosofia, não há nada!»

E saber-se que este deísta da última hora já foi ateu e livrepensador...

Ao que conduzem as conveniências políticas... e a barreira...

As bases sociológicas da Anarquia

Não pretendemos, à imitação dos republicanos italianos e socialistas alemães, que haja uma só escola sociológica especial, nossa ou estrangeira: a característica da sociologia anarquista consiste em ser universal e verdadeiramente internacional. Nenhuma necessidade temos de pedir à fome e à miséria o certificado da sua pátria para nos sentirmos cheios de indignação contra uma sociedade que tão descaradamente viola os sagrados direitos do homem à existência e à liberdade.

O sociólogo, se se quer verdadeiramente considerar como tal, deve sentir-se cidadão do mundo e afrontar o grande problema — que não agita somente esta ou aquela nação — com entendimentos de universalidade e com o coração perene de amor para todos os desertados da terra, que é a única pátria lógica da espécie humana; deve dirigir a sua vista para os novos horizontes que não restringem o campo das batalhas rendentoras no círculo augusto dos Alpes e do mar; deve compreender que a religião antihumana do patriotismo ficará vencida pela fé grandiosa na solidariedade de todos os homens e de todos os povos; deve, enfim, convencer-se de que quer reduzir a um vago doutrinarismo unilateral ou político nacional o estudo e a solução de um problema tão evidentemente complexo e internacional, como é a questão social, significa que se entende de um modo infinitamente pequeno, o que, por sua natureza, é infinitamente grande.

O indivíduo, considerado isoladamente, sintetiza em si a grande vida colectiva da humanidade; não é, porém, a humanidade.

A humanidade é o ente colectivo, formado pelas mónadas individuais, e o seu mal não é mais que o bem e o mal dos singulares indivíduos. Por isso a sociedade não pode basear-se senão na harmonia do bem estar do homem com o da humanidade.

A satisfação das suas necessidades é o elemento essencial para a existência do indivíduo. O direito natural de satisfazer as próprias necessidades adqui-

re-o todo o homem pelo nascimento, e nenhuma lei natural pode legitimamente violar este natural direito.

Não se pode dizer que há «sociedade» num determinado sítio desde que haja um indivíduo que não está em grau de exercer integralmente aquele direito, desde que, ao lado de quem possui o supérfluo, vive quem precisa do mais necessário à vida: o que há é uma agregação heterogênea de seres viventes. Num tal estado de coisas, o indivíduo tem o direito de se revoltar, por todas as formas, contra a colectividade dos privilegiados.

Este incrível consórcio é uma *desordem legal*: nele não é possível a *associação natural*; não há mais que a *agregação dos interesses parasitários e a aliança tumultuosa das fracções rebeldes*. O indivíduo vive num estado extra-oficial; a luta pela existência efectua-se nas suas formas mais mortíferas e hipócritas; em nome duma sociedade que não existe, oprime-se legalmente e *honradamente* se rouba o produto do esforço da imensa classe trabalhadora. A guerra económica, que toma o nome de livre competência, é a forma de antropofagia que o industrialismo burguês assume neste século todo inchado das suas glórias; a vítima, o devorado, é sempre o trabalhador.

Neste período de transição, os interesses do indivíduo estão em antagonismo e em perfeita antítese com os interesses de toda a espécie humana. O homem é inimigo da humanidade; a morte de um é a vida de outro: uma classe gosa sorvendo o sangue da outra. É uma caça desesperada à riqueza e ao poder. Os fraudulentos convertem-se em proprietários, os acapadores de votos obtem o poder pondo o pé no colo do vulgo ignorante de eleitores; o pelintra de ontem torna-se milionário, o operário que tanto trabalha engalfinha-se cada vez mais na miséria.

Num tal estado de coisas, o indivíduo, por muito atado, oprimido e envoltó que esteja pelas leis, encontra sempre modo e razão de acogotar, entre um sorriso e um aperto de mãos, o próprio semelhante que lhe embarace o caminho.

Logares comuns, dir-nos hão: coisas mil vezes repetidas. É,

Os homens-maquinas

[O propósito da entrada dos mancebos para os quartéis]

...Lá marcham! Observai atentamente e descobrireis, na sua atitude submissa, um fundo de protesto, um germen de rancor, um pouco de vingança que nunca chega ao exterior do organismo do soldado!

Lá marcham! Uma lei estúpida arrancou-os ao lar santificado pelo carinho da mãe ou da esposa; uma organização política, vencida em todas as suas ordens pela podridão, exige que uns quantos milhares de homens abandonem violentamente as tarefas da indústria, os trabalhos da agricultura, o culto da actividade, o templo das artes!...

«A pátria! Nome augusto que vibra aos nossos ouvidos, qual música prodigiosa! Fluido poderoso que penetra até às últimas células, agitando-nos todo o nosso ser! Onda de sentimento colectivo que invade domina e transtorna o cérebro predisposto! Grande espectáculo nervoso!»

Pois bem: a pátria augusta e sacrossanta exige-vos que empunheis as armas e que vivais na atmosfera viciada dos quartéis, contaminando a saúde, estiolando o cérebro, sacrificando as afeições, o bem-estar, a felicidade, em suma...

A política dá cem por um, como na parábola. Quando terminardes—pobres soldados!—o vosso infamíssimo labor e regressardes ao campo, à oficina, é que haveis de sentir sobre vós, como um pesadelo maldito, a benéfica protecção desse *tudo*—a pátria—que não é nada, ou, o que é mais—uma perigosa ilusão.

Vereis depois as ameaças de quem manda, as tropelias de quem influi, os abusos de quem pode; observareis, em torno de vós, um horizonte de miséria; e, em cima e em baixo, sinais de morte e de degradação que vos acenam impiedosamente.

Quando escutardes os hinos bélicos e as orações místicas que o povo embrutecido eleva a um ídolo, pedi que vos definam o conceito de pátria. Perguntai aos estadistas, aos oradores, aos sacristães, se a pátria não é igual a um composto desses elementos que vos açoitam constantemente, que vos apertam, que vos reduzem, acabando por estrangular-vos entre os furiosos aplausos do Direito...

De São Domingos

As proezas do sr. Brito

Até nós veio o queixume de uma vítima do egoísmo selvagem dum tal Brito, que procede como um padre que nós muito bem conhecemos. E a atitude egoística desse tipo é exercida como represália ao engrossamento da ala revolucionária que se nota nestas regiões áridas do Alentejo, pertença dos novos senhores feudais...

Quando, em determinada povoação, algumas consciências limpas conjugam esforços e vontades, no sentido de conquistarem a maior soma de liberdades, surge um ou outro indivíduo da espécie humana, mas de instintos perversos, a querer entrar a obra emancipadora daqueles que, apesar de tudo, serão os percursores da paz universal, da harmonia entre toda a família humana.

Porque em Via-Glória, concelho de Mértola, um grupo de trabalhadores se propõe fundar um sindicato, organizando os dispersos, cujo número é muito regular, já alguns proprietários de terras e «amigos do alheio» negam aos trabalhadores uma pequena faixa, que era costume conceder...

Dizem eles: «Quando vocês mandarem *tê-la* não logo», afirmando, estupidamente, que estão armados para... não agonisarem ante a nossa revolução.

Salienta-se nesta ignorância e ruindade o tal sr. Brito, esquecendo-se de que cautela e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém.

Não é com as arruaças dos proprietários do estôfo do Brito e da sua miséria moral que nos fazem enveredar por outra via. Pelo contrário: cada vez mais convictos, lutaremos até ao fim, embora isto muito contrarie o *estôrvo* do célebre Brito.

LIBER.

“O Amor e a Vida”

(CONTOS)

do Dr. Campos Lima

Preço 5\$00 à venda nesta redacção.

Comissão de iniciativa da primeira Conferência anarquista de Lisboa

Esta Comissão continua a receber adesões de indivíduos e grupos anarquistas de Lisboa que, por uma forma regosijante, se associam à ideia da realização de uma conferência anarquista local.

Esta Comissão tem igualmente continuado a receber comunicações de mais trabalhos que se encontram em preparação para serem apresentados à conferência, os quais serão publicados no jornal *A Comuna* à medida que forem sendo recebidos pela Comissão.

Entre estes contam-se já os seguintes:

Tese «As mulheres e o ideal anarquista. — O seu papel na sociedade presente e a importância da sua colaboração na grande obra de transformação social». Relator, Vasco da Fonseca.

Tese «Teatro Social — Sua importância na grande obra de educação das massas para a transformação da sociedade». Relator, Nogueira de Brito.

Tese «O desporto, factor da regeneração física, indispensável à regeneração moral dos indivíduos». Relator, Mário Domingues.

Também será submetida à discussão nesta conferência a tese apresentada por José Pires de Matos na conferência dos anarquistas da região central: «Organização Regional — Federação e Grupos», na parte de interesse local, sobre a qual incide o parecer do Grupo Anarquista «O Semeador».

A Comissão espera que todos os indivíduos e grupos anarquistas de Lisboa que ainda não deram a sua adesão moral, material e económica à conferência local, o façam com a possível brevidade, comunicando igualmente se querem apresentar qualquer trabalho. Neste caso devem enviá-lo com urgência para a Comissão, a fim de ser publicado em *A Comuna*.

Toda a correspondência, adesões e trabalhos devem ser enviados a Virgílio de Sousa (C. I.), travessa da Agua da Agua da Flôr, 16-1.º — Lisboa.

PUBLICAÇÕES

La Revista Blanca. — O último número que recebemos desta importantíssima revista quinzenal, correspondente a 15 de Janeiro e ao n.º 40 da segunda série, tem o seguinte sumário:

O homem e a terra, Eliseu Reclus; *A moral das ideias*, Um professor da Normal; *A arte literária francesa*, Jacques Descluze; *O mundo como pluralidade*, Adrián del Valle; *A epopeia do cínico*, Federica Montseny; *Quem faz o indivíduo, a sociedade ou a herança?*, Pierre Quiroule; *Efemérides do povo*, Soledad Gustavo; *Divulgações históricas*: *Aristófanes e o seu teatro*, M. Soriano de Numancia; *A liberdade humanizada*, Isaac Pacheco; *Curiosidades históricas e científicas*, El Bachiller de Salamanca; *O último Quixote*, novela social de lutas, aventuras e amores (continuação), Federico Urales.

Nas capas — *A Novela Ideal*; *Comentarios*; *Pode refutá-lo aqui mesmo*, Dr. E. Alfonse; *Dinheiro recebido*; *Caminhando pelo mundo*, Hipatia; *Subscrição próprios*; *Vargas Vila*, J. Serret; *Notas administrativas*.

A nova direcção de «La Revista Blanca» é: calle de las Oliveras, 30 (Guinardó) — Espanha.

Lueurs (cahiers individualistes d'études & de documentation) — Recebemos esta interessante revista que se publica em Lyon (Rhône). O seu sumário é como segue:

Editorial: *Sus au bain!* — O Congresso pacifista internacional de Berlim, Paulo Bergeron; *Lueurs*; *As ideias no estrangeiro*: em Itália, F. Lucchesi — *Fedel*, *Pensiero e volontà*, Il Conferenziere Libertário, Albin; *A imprensa da lingua alemã*, Léon Bongard; *The Truth Seeker*, *Life and Letter*, Ned Nige; *Nótulas*, Jules Amour; *As nossas teses*: *Le drame de ne pas être*, Ludovic Fillieu, e *Correspondência*, Fontanjou; *As ideias em França*: *Pierre Creixams*, Trietan Remy, e *Através a imprensa*, Paul Bergeron; *Os livros*, por Albin, A. Bailly, Paul Bergeron.

Preço de cada exemplar: um franco e 25 cêntimos. Direcção: 232, rue Garibaldi — Lyon, Rhône (France).

O Estado e o seu papel histórico, — 1\$50

À VENDA NESTA REDACÇÃO

PRÓ-MATERIAL DE A COMUNA

Há alguns meses que nas colunas deste semanário estampamos um apêlo a todos os camaradas, assinantes e leitores, apêlo que continuamos a agitar, no sentido de todos se interessarem na remodelação da secção tipográfica de *A Comuna*.

A regularidade da sua saída, e ainda uma apreciável economia, deve-se às vantagens da sua tipografia própria.

Deixar de cooperar nesta obra, deixar que todo o seu material se inutilize, deixar que *A Comuna* passe a manufacturar-se em tipografia particular, é concorrer para a irregularidade da sua saída, para o agravamento da sua situação material, e até para a sua suspensão.

Quase no início do nosso apêlo, estabelecemos, por assim dizer, um limite de cooperação por cada assinante, leitor ou camarada.

Basta que cada um contribua por uma só vez com a importância de 5\$00 esc., para assim adquirirmos o novo material, que importa em cerca de dez mil escudos (10.000\$00), e evitarmos o perigo apontado.

LISTA DE SUBSCRITORES

Importâncias já recebidas:

Transporte.	2.046\$45
Pôrto—D. José Barbosa, 5\$00; António Amoêdo; (Por intermédio do Grupo «Os Solidários»), 5\$00	10\$00
América—Fernando Pereira, 10\$00; Manoel A. Louro, 5\$00	15\$00
Amarante—Amílcar da Silva, 2\$50; Leopoldo Andrade, 5\$00; Um camarada, 5\$00; Um Rebelde, 3\$00	15\$50
A transportar	2.086\$95

Pela Anarquia — Pela Revolução Social

O Grupo Anarquista «Os Unificados», de Messines, no desejo ardente de espelhar as ideias libertárias, distribuiu profusamente, pelos trabalhadores do Algarve e do Baixo-Alentejo, um vibrante manifesto.

Dele, destacamos as seguintes passagens:

Os anarquistas estão ao lado das necessidades dos trabalhadores, quando sustentam que é preciso abolir o sistema iníquo de propriedade privada, no qual há ricos que alojam os seus cavalos e os seus cães em palácios e há pobres que dormem em espeluncas, antros prosmícuos de devassidão e de miséria, sistema digno do Inferno de Dante, pelo qual milhares de trabalhadores, em troca dum magro salário, vão dormir em bairros tenebrosos onde reina a tuberculose, depois de haverem construído um palácio principesco ou um daqueles hiates maravilhosos que transportam, através os Oceanos, gordos milionários cuja despesa diária asseguraria o

sustento mensal de centenares de párias.

Os anarquistas, sendo contra o Estado, contra o Exército, contra a Igreja, estão ao lado do povo trabalhador, combatendo estes sustentáculos ferozes do regime da Propriedade Privada. E apontam ao povo, como única solução da crise social, uma Revolução que, derubando todos aqueles cancros terríveis, produza a emancipação social dos trabalhadores — isto é, a integração no regime da vida natural que a Humanidade deve trilhar — o comunismo livre, o federalismo fundado na harmonia dos interesses económicos e na liberdade individual de cada ser, livre o homem da pressão brutal e selvagem da mão autoritária do seu semelhante.

Eis, em resumo, o que nós queremos, como anarquistas e como trabalhadores.

Como trabalhadores e como anarquistas, convidamos todos os nossos camaradas a ingressarem nos seus respectivos sindicatos; como anarquistas e como trabalhadores, incitamos todos os anarquistas a reunirem-se, afim de se preparar a verdadeira Revolução, que há de implantar a liberdade — que só pode existir sem governos e sem Propriedade privada.

Aos grupos! — tal seja a nossa voz.

Aos sindicatos! — eis também o nosso grito.

Aos grupos, pela organização anarquista, pela Federação Regional do Sul, pela propaganda da acção e pela acção da propaganda!

Aos Sindicatos, a fim de impeli-los pela senda libertária do Comunismo anarquista!

Associação de Classe dos Operários dos Estabelecimentos de Carnes Verdes

A direcção desta colectividade sindicalista solicita-nos para que tornemos público que a sua nova sede é na rua do Almada n.º 365-2.º, onde todos os dias úteis, das 11 às 13 horas, se encontra aberta a respectiva secretaria.

Conferência em Gaia

Promovida pelo Grupo Libertário «Filhos da Liberdade», efectua-se hoje, pelas 15 horas, na Casa das Associações, à avenida da República, Gaia, uma conferência subordinada ao tema «O Anarquismo e o Comunismo».

E' conferente o camarada Serafim Cardoso Lucena.

Núcleo da Juventude Sindicalista do Pôrto (secção mixta)

Reuniu a comissão executiva desta secção, com a presença dos camaradas visados na última nota, sendo aprovada a seguinte moção:

«Considerando que, ouvidas as explicações dadas pelos camaradas envolvidos na última nota oficiosa desta secção e publicada nos jornais, se verificou que as acusações feitas na carta da camarada Geraldina Moreira não tem aquela gravidade que a mesma fazia antever;

Considerando mais que, aclarada a carta em referência, se constata que a mesma tem a sua origem em simples questões familiares, a comissão executiva da secção mixta do N. J. S. do Pôrto resolve:

1.º Tornar-se neutra nesta questão e dar o assunto por terminado;

2.º Publicar esta nota nos jornais, dando por invalidada a nota desta secção.

Vida Anarquista

FEDERAÇÃO ANARQUISTA DA REGIÃO CENTRAL

Na sua reunião de 15 de corrente, o Comité Regional da Federação Anarquista da Região Central apreciou a constituição, em Lisboa, do Comité Português Pró-Salvação de Sacco e Vanzetti, resultado dos trabalhos realizados por este Comité.

Tomou várias resoluções sobre a continuação da campanha de propaganda anarquista que esta Federação está efectuando.

Tôda a correspondência, adesões, etc., para a Federação Anarquista da Região Central devem ser enviados a Virgílio de Sousa (F. A. R. C.), travessa da Agua da Flor, 16 1.º — Lisboa.

GRUPO LIBERTÁRIO

“OS SOLIDÁRIOS”

Este grupo previne todos os camaradas que ainda não liquidaram as contas do último sorteio, de que devem fazer até ao fim do mês, visto que na primeira semana de Fevereiro tenciona trazer a público as contas da receita, bem como a solidariedade prestada à família de Bento da Cruz e os nomes dos que não souberam cumprir com o seu dever.

CORREIO DE “A COMUNA”

AMÉRICA—Fernando Pereira.—Recebemos carta e cheque no valor de 102\$00, dando-lhe o destino que indicaste. A tua assinatura fica paga até ao n.º 169, e a do M. A. Louro até ao n.º 111. Segue pedido pelo correio.

LOANDA—J. A. Correia de Sousa.—Recebemos carta. Como existia um saldo de 14\$67 a teu favor, passámo-lo para a assinatura, o qual fica pago até ao n.º 110.

LISBOA (Limoeiro)—Francisco M. Ramos.—Deves 6\$50 até ao n.º 97.

M. dos Santos.—Recebemos carta e 30\$00. Pago até ao 94.

LISBOA—A BATALHA.—Creditem-nos a importância de 23\$50 que recebemos do vosso assinante J. G. Amorim, de Victorino dos Piães. Enviem-nos recibo.

COMO NAO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$30